
- SEMIÓTICA IV

Coordenador(a): *Adriane Belluci Belório de Castro*

A DESIGNAÇÃO DA PALAVRA PRECONCEITO EM DICIONÁRIOS ATUAIS

Carolina de Paula Machado

A palavra preconceito aparece em diversas situações como slogan político, como causa da discriminação em relação à mulher, ao negro, ao homossexual, etc. É uma palavra cujos sentidos circulam no meio social constituindo as diferenças, as divisões. Esta pesquisa tem, portanto, como objetivo, realizar um estudo semântico da designação da palavra preconceito em dicionários da segunda metade do século XX e início do século XXI. Este estudo será realizado da perspectiva

da Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2004), que, por considerar a materialidade histórica da linguagem, estabelece relação com a Análise do Discurso.

Os dicionários, tomados como corpus, serão considerados como textos e, portanto, como objetos históricos. Nessa relação com o histórico, os dicionários, considerados por Aurox (1992) como instrumentos lingüísticos, constituem observatórios das relações sociais e da história (Orlandi, 2001). Portanto, analisar a significação dessa palavra é analisar o recorte que o instrumento lingüístico faz do simbólico que representa o real da palavra preconceito.

AS PAIXÕES DO RIGOR E DA MISERICÓRDIA NO PERCURSO DO JULGAMENTO

Josuel Pereira dos Santos (USP), Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

A semiótica greimasiana oferece-nos um modelo teórico baseado no percurso gerativo do sentido com três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. Nosso trabalho incidiu sobre o nível narrativo, mais precisamente sobre o percurso do julgamento.

A problemática que nos impulsiona é uma possível insatisfação do modelo canônico, pois nele não há uma previsão de análise das paixões que levam o destinador-julgador a sancionar positiva ou negativamente. Que faz um destinador-julgador a sancionar diferentemente dois destinatários-julgados que praticaram a mesma ação ou ações de valores parecidos; e que faz dois destinadores a julgar diferentemente um mesmo destinatário-julgado? Nossa hipótese de trabalho é: o que orienta um julgamento é o estado de alma do julgador. E esta paixão do julgamento deriva de uma cadeia de contratos que se estabelece desde a manipulação.

Objetivamos, em nossa pesquisa de iniciação científica, sistematizar no quadrado semiótico todos os encadeamentos que se dão entre as paixões “rigor” e “misericórdia” no percurso do julgamento e os respectivos contratos fiduciários. Para tanto, fazemos uso de um texto bíblico (Ex. 32:01-14), em que Yavé, Deus de Israel, sanciona seu povo negativamente movido pela paixão da ira, que leva ao rigor, pois este povo havia quebrado o contrato fiduciário em que Yavé é o sujeito do ser, o povo é o sujeito do fazer e o objeto de valor é “a única adoração”. Após, porém, sancionar negativamente o povo com o rigor, Deus Yavé, é lembrado, por Moisés, de um outro contrato em que Deus é o sujeito do fazer, o povo é o sujeito do ser e o objeto de valor, com o qual o povo deveria entrar em conjunção, é a “longevidade”. Ao se lembrar deste último contrato, Yavé tem seu estado de alma alterado da ira para a misericórdia e, desta vez, sanciona o povo positivamente perdoadando a “transgressão”.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ETHOS DISCURSIVO EM TRÊS PRONUNCIAMENTOS PARLAMENTARES QUE ANTECEDERAM AO AI-5

Eduardo Lopes Piris (USP)

O AI-5 (Ato Institucional nº 5) é um dos pontos mais marcantes do regime ditatorial pós-64. E a sessão da Câmara dos Deputados Federais de 12 de dezembro de 1968 foi o pretexto que faltava para que o regime promulgasse esse Ato.

Nossa pesquisa visa à análise dos discursos de Geraldo Freire (ARENA), Márcio Moreira Alves e Mário Covas Júnior (MDB), protagonistas dessa histórica sessão que se constitui como episódio exemplar de uma já estabelecida polêmica entre situação e oposição. E, mais especificamente, privilegiamos aí os procedimentos enunciativos da construção da imagem do enunciador - o ethos. A noção de ethos foi originalmente apresentada por Aristóteles, em sua Retórica, como a prova de persuasão fundada no caráter moral do orador, independentemente de qualquer opinião prévia sobre o mesmo. Tratava-se, desde então, de uma construção discursiva.

Maingueneau adapta a noção de ethos para os domínios da Análise do Discurso, compreendendo-a como a manifestação de uma subjetividade discursiva encarnada em um “corpo enunciante” historicamente situado que, ao mesmo tempo em que valida o que é dito, legitima sua maneira de dizer em sua enunciação.

Fiorin, em seu artigo “O corpo nos estudos da Semiótica francesa”, diz que “o corpo pode estar representado tanto no enunciado enunciado, quanto na enunciação enunciada”. No primeiro, a representação do corpo está no dito; no segundo, o corpo somente é perceptível pelo modo de dizer, concordando com a idéia aristotélica de que o ethos não é algo dado a priori, mas sim uma construção do discurso.

Neste trabalho, pretendemos mostrar como os mecanismos de debreagem e de embreagem, relacionados à categoria da pessoa, estão ligados ao processo de construção do ethos nos pronunciamentos em questão.

DISCURSO POLÍTICO: UMA PAIXÃO SEMIÓTICA

Adriane Belluci Belório de Castro (UNESP)

Na perspectiva semiótica, paixão é a aproximação entre sentir e conhecer. Essa aproximação deixa-se reconhecer no discurso como efeito de sentido, isto é, a paixão se manifesta no nível discursivo através de diversas substâncias da expressão, antes, porém, toma corpo e se molda nos níveis mais profundos do percurso gerativo do sentido.

A paixão, desse modo discursivizada, tem como principal característica a projeção e a operacionalização de simulacros. Assim, ela comanda as estratégias intersubjetivas: cada sujeito adapta seu discurso em função da previsibilidade da estrutura passional de seu interlocutor.

Tendo em vista esse contexto semiótico, propomos um trabalho cuja análise incide sobre a dimensão passional do discurso político, especificamente durante a campanha eleitoral do então candidato à Presidência do Brasil - Luiz Inácio Lula da Silva -, divulgado em formato de entrevista pelo jornal O Estado de São Paulo na coluna “Presidenciáveis do Brasil” em setembro de 2002.

INTOLERÂNCIA LINGÜÍSTICA E IMIGRAÇÃO

Alexandre Marcelo Bueno (USP)

Nosso trabalho tem por objetivo analisar as significações produzidas pelas formas de intolerância na interação entre a sociedade receptora e os imigrantes de diferentes nacionalidades no contexto histórico brasileiro entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, envolvendo a questão da língua, entendida tanto como mecanismo de distinção/discriminação entre sujeitos/grupos sociais quanto como preservação de traços que definem a alteridade. Para isso, delimitamos os seguintes campos: 1) institucional, envolvendo as políticas lingüísticas, como, por exemplo, o uso da escola na imposição da língua oficial do país aos filhos de imigrantes que geralmente dominam outro registro lingüístico; 2) social, onde se considera os estereótipos como produto de diferentes tipos de representações do imigrante, caracterizado a partir de sua língua, seu sotaque e “erros”; 3) na própria interação cotidiana e nas dificuldades de comunicação encontradas entre imigrantes e os integrantes da sociedade receptora, por meio da imagem construída nesse processo interacional.

SEMIÓTICA DAS ORGANIZAÇÕES

Maria José Guerra (UNIB)

A comunicação e cultura organizacional analisadas sob o ponto de vista da semiótica discursiva. As organizações como núcleo social e cultural nas sociedades globalizadas, o que as faz assumir

a forma de um sistema de significação e, conseqüentemente, de um sistema de valores (Cf: Saussure). As interações sociais desenvolvidas no cotidiano da vida organizacional compoem um ethos e conjunto de hábitos que se concretizam por meio de discurso verbais e não-verbais, por isso passíveis de uma análise discursiva. A análise semiótica desses discursos como uma proposta para a compreensão dos fluxos de sentido que percorrem essa rede interdiscursiva. O estudo da narrativa subjacente ao discurso, os papéis actanciais e os percursos envolvidos nas transformações que se operam entre os sujeitos presentes nas corporações na busca por valores construídos pela dinâmica corporativa. A organização como espaço investido de significação simbólica, o que gera a metamorfose desse espaço em sujeito passional detentor de um poder-fazer. O modo de existência da corporação como sujeito semiótico, como uma instituição instituída (Cf: Landowski, 1991), como um macrodestinador impessoal e fonte de valores para os sujeitos que circulam nesse espaço intersubjetivo. Estudo de alguns casos sob o ponto de vista semiótico.

TELEJORNAL: A HIPEREMOÇÃO EM SEMIÓTICA TENSIVA

Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz (UNESP)

Na era da informação visual, observamos duas forças determinantes: o mimetismo e a hiperemoção. O primeiro é a supervalorização de um mesmo acontecimento: cada canal de televisão multiplica infinitamente suas matérias, arrastando-se para a superinformação que chega a exaustão. A segunda, antes restrita à imprensa sensacionalista, hoje, desconceitualizou a informação, na ânsia de transmitir o evento como espetáculo. Na semana da morte do papa, assistimos a essas duas forças capazes de neutralizar até mesmo o telespectador crítico. O vídeo da matéria “Um dia que ficará na história”, do Jornal Nacional (08/04/2004), será analisado sob o enfoque da semiótica tensiva com o objetivo de elucidar tanto a teoria, quanto os mecanismos da práxis enunciativa que garantem a hiperemoção. Primeiro, demonstraremos onde se insere a semiótica tensiva no edifício construído pela Semiótica francesa, evidenciando que ela não invalidou a forma de descrição do percurso gerativo, nem os modos de conversão de um nível a outro. Ao contrário, atribui ainda mais consistência ao modelo, pois revela que, em cada passagem de um nível a outro, existe um espaço, denominado espaço tensivo. Assim, a semiótica tensiva é um modelo mais detalhado, que analisa as gradações do sentido, uma forma de medir a tensão, as sutilezas do devir do sujeito. Em seguida, investigaremos o conceito de valência, que pressupõe a ambivalência do objeto e a instabilidade do sujeito, demonstrando que a semiótica tensiva apresenta os meios de abordar a questão do sentido, não apenas como representação, mas no espaço-tempo mais ou menos tenso e extenso de uma presença, que é um pré-sentido (relações ambivalentes entre sujeito e mundo natural), motor de toda ação, que consiste em “tender para”, revelar a intencionalidade: desejo de expressar o valor de um campo de presença num campo de significação que, no texto em análise, converge à hiperemoção.

UM PROCESSO DIDÁTICO NA PESQUISA INTERTEXTUAL EM “ NAVEGAR É PRECISO, VIVER NÃO É PRECISO”

Edgard Belle

O trabalho traça didaticamente o processo de reconstituição de sentido da expressão “ Navegar é preciso, viver não é preciso” dentro de sua sobrevivência histórica. Assim sendo demonstra não só a riqueza do seu significado bem como toda uma perspectiva reconstitutiva, dando ao percurso uma tônica pedagógica.